

TECNOCRACIA E EDUCAÇÃO POLÍTICA:

O DESDOBRAMENTO DA QUESTÃO NUMA PERSPECTIVA PARA A FILOSOFIA

Benedito Eliseu Cintra *

Temos presente a “Lei dos três estados” proposta por Comte no seu **Curso de Filosofia Positiva** (I, ii):

“No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialmente suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo.

No estado metafísico, que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente.

Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas,

* Professor e Mestrando em Filosofia da Educação na PUCSP.

a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir.” (1)

Comte acertou. Não discuto o mérito da exclusão que cada estado faria do anterior. Digo simplesmente que é quase unânime a opinião de que estamos hoje sob o império da ciência e da técnica com a pretensão de serem as **únicas** a estabelecerem o ser e o dever-ser para o homem.

O homem ocidental **crê**, hoje, na ciência mais do que em qualquer outra realidade. Diante dos desafios individuais e coletivos que se lhe apresentam, é imediato o recurso que faz às ciências na esperança confortadora de que, na pior das hipóteses com um mínimo de paciência, serão por elas superados. Julián Marías di-lo muito bem:

“... existe um campo extenso de problemas vitais, cujo conteúdo exorbita as crenças genéricas nas quais se funda minha idéia do mundo e também meu repertório de ‘idéias’ sobre o tema, e me é necessário recorrer então a outra instância: **para nosso mundo ocidental moderno**,... a principal dessas instâncias é a que chamamos **ciência**... para a maioria dos homens alheios ao trabalho científico e também para os homens de ciência fora de sua especialidade, a ciência se apresenta como uma ‘crença’, cujo conteúdo é precisamente o de consistir em ‘idéias’ verdadeiras e princípios demonstráveis.” (2)

Esta verdade histórica é constatável também na esfera política. O ideal **democrático** permanece sendo o válido horizonte utópico de nossas aspirações de convivência social. De fato, porém, sem pretensões de paralelismo, os governos fortes na história humana sempre foram, **grosso modo**, ou **teocráticos**, ou **aristocráticos**, ou, mais recentemente, **tecnocráticos**.

O que a ciência já realizou para a humanidade, desde o início de sua organização metodológica com Bacon e Galileu até a sofisticação tecnológica de nossos dias, é, sem dúvida alguma, de extraordinário alcance. Ou seja, um alcance que o senso comum do comum dos homens está longe de compreender

(1) Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo, abril, 1973. Os pensadores, v.XXXIII, págs.9 – 10.

(2) **Introdução à filosofia**. Trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo, Duas Cidades, 1966. pág. 28.

em sua complexíssima rede de fatos, leis, teorias etc. Mas por isso mesmo, se deixa tocar apenas por seus efeitos, e estes são pelo menos tão majestosos e misteriosos como eram os fenômenos da natureza para os “primitivos” nossos antepassados. Não é de estranhar, portanto, que tenha surgido um novo culto com seus novos sacerdotes: o da ciência e da técnica com os seus mentores, os cientistas e os técnicos. Estaríamos voltando a uma nova forma de teocracia, a **tecnocracia** ?

Para Comte, “estado positivo” se diferencia dos “estados teológico e metafísico” porque “reconhece a impossibilidade de obter noções absolutas”. De fato, as ciências e as técnicas já de há muito, para não dizer desde seus inícios, relativizam todos os seus achados, principalmente os teóricos. Seus processos práticos de conhecimento e transformação da natureza conhecem sucessivos estágios de renovação e progresso. Mas é, então, que surge o paradoxo: o próprio procedimento científico de abordagem da realidade, ou seja, o método científico de conhecimento, é **absolutizado** como **única** forma de conhecimento verdadeiro e certo, crítico e objetivo. O sonho da “pedra filosofal” não esmorece, com que possa o homem **definitivamente** transformar tudo em felicidade.

Não tem sentido rejeitarmos a ciência e a técnica. Não tem sentido negar que elas possam trazer mais felicidade, mais conforto, mais satisfação e menos tristeza, menos ignorância, menos doenças etc. Mas a questão é justamente que elas **podem** trazer. É inegável, também, que elas tenham trazido. Mas quem pode contestar que o governo da ciência e da técnica sobre a humanidade já resultou e continua resultando em monstruosidades sem conta ?

Parece-me que em tudo isso, porém, esquecemo-nos de um fato fundamental: por detrás da ciência e da técnica, por detrás do método de conhecimento científico e de transformação técnica nele baseado, está o **homem**. Está o **sujeito** homem. É um truísmo hoje dizer que a máquina nunca substituirá o homem que a faz. Quero dizer, o homem será sempre superior à máquina, embora possa abdicar dessa superioridade, o que aliás tem acontecido e pode acontecer com intensidade ainda maior. Mas é sempre ele que consciente ou inconscientemente se demite. O problema é, portanto, de natureza ética, e importa na consciência e na liberdade.

“O materialista não enxerga que o homem existe para si mesmo **como** homem, ou seja, que o ser-homem tem **alcance** e **sentido** para si, enquanto as coisas têm **alcance** e **sentido** para o homem e não para si mesmas ou para outras coisas. Se existissem apenas coi-

sas, nada teria **sentido**. O materialismo esquece que só **com** o homem e **por** ele se pode falar de coisas e processos.

Que significa então que haja a 'fala' sobre coisas? Significa que se 'diz' das coisas que existem e o que são. Mas como isso se torna possível? Que vem a ser o 'dizer' — é original que se supõe chegar à fala pelo que se exprime? Respondemos que é o **homem** que fala as coisas a si mesmo. Por mais que o homem seja 'coisificado', jamais será possível deixar de pensar a 'dimensão' pela qual lhe é possível falar às coisas e a si mesmo. Essa 'dimensão', contudo, não é a 'coisificação' do homem, pelo menos se tivermos de aceitar, com todos os materialistas, que as camadas geológicas e as rajadas de chuva não falam nada. O homem distingue-se da coisa por sua capacidade de 'falar', por seu 'dizer' — é. Eis pelo que o homem transcendendo a 'coisificação' em seu ser e eis que todos os não-materialistas chamam de subjetividade." (3)

Aí está! o grande risco é o homem não querer assumir a sua palavra, não ter a coragem de assumi-la, deixando-se 'coisificar'. Jamais sua possibilidade de transcendência pela fala, porém, deixará de existir, nem que seja, justamente, como possibilidade.

Isso tudo pode ser dito de outra maneira. O risco não é a ciência e a técnica. Pelo contrário. O risco é a tecnocracia, ou seja, a ciência e a técnica empregadas como instrumentos de poder. Di-lo muito bem Roszak:

"... a tecnocracia não é vista geralmente como fenômeno político. Afigura-se, antes, como imponente imperativo cultural, incontestável, indiscutível.

Quando qualquer sistema político devora a cultura em que se inscreve temos o totalitarismo, a tentativa de colocar toda a vida sob o controle da autoridade. Conhecemos bem a política totalitária na forma de regimes brutais que realizam sua integração através do cassete e da baioneta. No caso da tecnocracia, porém, o totalitarismo reveste-se de uma forma mais apurada porque suas técnicas se tornam cada vez mais subliminares. A característica principal do regime dos especialistas está, no fato de que, embora possua amplo poder coercitivo, ele prefere extrair-nos submissão explorando nossa

(3) LUIJPEN, Wilhelmus. **Introdução à fenomenologia existencial**. São Paulo, EPU, 1973. pág. 35. Trata-se do materialismo científico-positivista.

profunda lealdade para com o cientificismo e manipulando as seguranças e bens materiais que a ciência nos deu.” (4)

Paulo Freire revela mais explicitamente a natureza política desse fenômeno:

“Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez mais, sem o saber, à sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma ‘elite’ que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida. E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é **sujeito**. Rebaixa-se a puro **objeto**. Coisifica-se. (Fromm, Erich — **El Miedo a La Libertad**, págs. 275 — 276) ‘Libertou-se — diz Fromm — dos vínculos exteriores que o impediam de trabalhar e pensar de acordo com o que havia considerado adequado. Agora — continua — seria livre de atuar segundo sua própria vontade, se soubesse o que quer, pensa e sente. Mas não o sabe. **Ajusta-se** (o grifo é nosso) ao mandado de autoridades anônimas e adota um **eu** que não lhe pertence. Quanto mais procede deste modo, tanto mais se sente forçado a conformar sua conduta à expectativa alheia. Apesar de seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham’.” (5)

A grande questão da ciência e da técnica em nossos dias é de caráter político. O homem continua superior à máquina, por mais tecnologicamente sofisticada ela seja. Continua **falando** à sua máquina, e sua palavra de ordem é a **dominação** que ele pretende exercer de maneira cada vez mais eficaz. O problema é tão antigo quanto a humanidade. A dialética do Senhor e do Escravo se repete assumindo as instrumentações de poder do nosso momento.

(4) **A contracultura**. Petrópolis, Vozes, 1972. pág. 22.

(5) **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969. págs. 43 — 44.

“Sob a nova perspectiva freudiana, a essência da sociedade é a repressão do indivíduo e a essência do indivíduo é a repressão de si mesmo.

‘... A essência da repressão reside simplesmente na função de rejeitar ou manter algo fora da consciência’.” (6)

Paulo Freire não se envereda pelos caminhos de uma análise freudiana da cultura e da sociedade. Em sua proposta de “Educação como prática da liberdade” que é “Pedagogia do oprimido”, a “conscientização” tem como ponto de partida considerações bem mais fáceis de compreender e aceitar, mas por isso mesmo extremamente mais contundentes e práticas:

“Mas, se no uso da ciência e da tecnologia para ‘reificar’, a condição **sine qua non** desta ação é fazer dos oprimidos sua pura incidência, já não é o mesmo o que se impõe no uso da ciência e da tecnologia para a humanização. Aqui, os oprimidos ou se tornam sujeitos, também, do processo, ou continuam ‘reificados’.

E o mundo não é um laboratório de anatomia nem os homens são cadáveres que devam ser estudados passivamente.

O humanista científico revolucionário não pode, em nome da revolução, ter nos oprimidos objetos passivos de sua análise, da qual decorram prescrições que eles devam seguir.

Isto significa deixar-se cair num dos mitos da ideologia opressora, o da **absolutização da ignorância** que implica a existência de alguém que a decreta a alguém.

No ato desta decretação, quem o faz, reconhecendo os outros como absolutamente ignorantes, se reconhece e à classe a que pertence como os que sabem ou nasceram para saber. Ao assim reconhecer-se tem nos outros o seu oposto. Os outros se fazem estranheza para ele. A sua passa a ser a palavra ‘verdadeira’, que impõe ou procura impor aos demais. E estes são sempre os oprimidos, roubados de sua palavra.

Desenvolve-se no que rouba a palavra dos outros, uma profunda descrença neles, considerados como incapazes. Quanto mais diz a

(6) BROWN, Norman. **Vida contra a morte**. Petrópolis, Vozes, 1972. págs. 17 e 19. Citação dos **Collected Papers** de FREUD, New York, Londres, The International Psycho-Analytical Press, 1924 – 50, v. IV, 86.

palavra sem a palavra daqueles que estão proibidos de dizê-la, tanto mais exercita o poder e o gosto de mandar, de dirigir, de comandar.” (7)

Em seu livro “Extensão ou Comunicação”, analisa o problema da comunicação entre o técnico e o camponês, dentro do projeto de reforma agrária do governo Frei no Chile. Suas considerações devem assumir caráter universal no contexto dessas nossas reflexões:

“Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta.

Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem — por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais — em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.” (8)

É muito difícil aceitar estas proposições quando se vive intensamente um clima tecnocrático. Porque, como diz Roszak:

“Na tecnocracia, tudo deixou de ser pequeno, simples ou fácil de entender para o homem não-técnico. Pelo contrário, a escala e a complexidade de todas as atividades humanas — no campo político, econômico e cultural — transcende a competência do cidadão amadorista e exige inexoravelmente a atenção de peritos possuidores de treinamento especial. Além disso, em torno deste núcleo central de peritos que tratam das necessidades públicas em grande escala desenvolve-se um círculo de subperitos que, nutrindo-se do generalizado prestígio social proporcionado pela especialização técnica, investem-se de influência normativa até mesmo sobre os aspectos supostamente pessoais da vida: comportamento sexual, educação de filhos, saúde mental, recreação etc.” (9)

O problema é antigo, embora tenha assumido hoje formas agudas de manifestação: uns poucos se arvoram como árbitros de muitos, do

(7) **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974. págs. 155 — 156.

(8) **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971. pág. 25.

(9) **Op. cit.**, pág. 20.

resto, em nome de um saber que julgam possuir ou de que possam dispor. Hoje o homem por detrás da máquina domina outro homem. E esse se curva humilde e submisso, inconsciente e mudo diante de seu Senhor e sua armadura, a ciência e a técnica. Ou, como também já se disse, diante de seus Sacerdotes e suas Palavras.

“Aprender a dizer a sua palavra” ! É o grande **leitmotiv** da obra de Paulo Freire. Há os que dizem sua palavra de opressão e dominação e há os proibidos de dizer sua palavra. Há os que dominam a máquina para dominar o homem e há os que são (e até muitas vezes deixam ser) dominados pela máquina e seu invisível sacerdote, proibidos de se acercar dos arcanos segredos da nova liturgia.

Paulo Freire procura romper o círculo de maneira clara e prática. Sua obra é dedicada “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam” (10). Sua proposta é o **diálogo**. Mas não existe diálogo quando apenas um fala, quando o **outro** não pode falar, qualquer que seja a razão dessa impossibilidade. E para Paulo Freire a primeira a ser desmitificada é a da **ignorância absoluta** que se lhe hipoteca, ou com que ele se sente hipotecado.

Os pressupostos que Paulo Freire estabelece para o diálogo são por demais singelos para serem aceitos pelos (pseudo) detentores da (pseudo) sabedoria do Sistema:

“Não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens..

Não há diálogo se não há humildade...

Não há diálogo se não há uma intensa fé nos homens...

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a **confiança** de um pólo no outro é consequência óbvia.

...ainda menos há diálogo se não há esperança.” (11)

Não há razão que justifique ser a história obra de apenas alguns poucos. Não interessa que tenha sido assim até agora. Não interessa que continue sendo por muito tempo. A não ser que se abandone a proposta democrática de

(10) **Pedagogia do Oprimido**. pág. 17.

(11) **L. cit.** págs. 93 – 97.

organização política da sociedade. Paulo Freire quer fazer “democratização fundamental”, transformar a massa em **povo** cada vez mais consciente de suas liberdades e responsabilidades políticas radicais. Uma autêntica “subversão” da “normalidade” histórica (mesmo que esta tenha sido consagrada pela dialética hegeliana de evolução do espírito).

Para Heidegger, a filosofia ocidental a partir de Platão e Aristóteles está no início da história do “esquecimento do ser” de que a última manifestação é justamente a explosão científico-tecnológica de nossos dias. Podemos igualmente nos perguntar se, até hoje, os “filósofos” do mundo ocidental não andaram esquecidos do “ser” do **homem**, em nome de um “logos” triunfante e conciliador. Por acaso é mera aparência ilusória a “fome”, a “miséria”, a “doença”, a “dor”, o “sofrimento”, a “prostituição” de bilhões de homens? Não andamos esquecidos do “ser oprimido” que é a essência do existir deles todos?

“... la filosofía como racionalidad históricamente responsable es el esfuerzo por recuperar la **realidad de la creación** y ponerse a su servicio a través del acto **positivo** de denuncia de la **univocidad del ser**, en tanto ésta implica una reductora determinación que suprime la **transcendencia de la Realidad** al encuadrarla en el marco de lo **unidimensionalmente comprensible.**” (12)

A **marginalização** no sistema político tecnocrático é de sua normalidade. É “aquela forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional” (13). O desenvolvimento tecnológico torna-se a meta porque é o meio pelo qual os técnicos e seus “mecenas” se mantêm no poder. Daí que

“o sistema tecnológico funcione somente em relação àqueles fatores que são funcionais em relação a ele. ... não sabe como equacionar o tremendo problema humano das populações marginais. São marginais porque não podem ‘funcionar’. E logicamente o sistema terá de selecionar sempre, em nome da eficácia funcional, os setores que podem desempenhar as duas únicas tarefas que ele prevê: produção e consumo.” (14)

(12) FORNARI, Aníbal. Política liberadora, Educación y Filosofía. In: ARDILES, Osvaldo et alii. **Hacia una filosofía de la liberación latinoamericana**. Buenos Aires, BONUM, 1973. pág. 155.

(13) ROSZAK, Theodor. **L. cit.**, pág. 19.

(14) **Id. Ibid.**, pág. 20.

Até onde e quanto temos sido nós filósofos profundamente coerentes com a nossa profissão de radicalidade e universalidade? Seria por acaso descupável nossa cumplicidade com o sistema tecnológico ao marginalizarmos o “ser do pobre” de nossas considerações metafísicas ou fenomenológicas?

A filosofia pedagógica de Paulo Freire está longe de cair nessas incoerências de princípio. Ela se instaura como pedagogia de promoção da **filosofia do povo**. Que o povo se **conscientize** da visão do mundo em que está. Que isso aconteça no **diálogo** do pedagogo com esta visão de mundo, que resultará na superação de um e de outro dos participantes do diálogo. Se de um lado vemos a tecnocracia se fechando para marginalizar, de outro deveríamos ver a filosofia se abrindo para integrar (e integrar-se):

“De allí que la actitud Metafísica deba ir siempre señalando dónde se anuncia la Exterioridad, desde dónde habla concretamente la Voz del Otro. Sería tanto imprudente como alienante para la Metafísica precipitarse en una extrapolación teológica **inmediata** de la Ateridad. Creemos que en tal sentido, y como en varias ocasiones lo hemos escuchado de Rafael Virasoro, el Otro antes que nada está entre nosotros. En efecto, está en el hombre como pueblo más allá del Estado y de la Organización política y en **lo más alterativo** del pueblo mismo, antes que nada. Este es el Pobre cuya Voz es la que de **más mediaciones carece** para hacerse oír en el mundo y su poder y desde el cual y para el cual la actitud Metafísica cuestiona toda instalación de la condición humana, toda vanidad en el Poder, en la Civilización y en la Justicia Legal. El más Pobre del pueblo es el **primer analogado** desde el que la univocidad de lo mismo es declarada injusta, falsa o burocrática. Por eso la actitud Metafísica es ‘ipso facto’ una postura ética signada por el Amor-de-Justicia y en tal sentido es una praxis **profética**.” (15)